

# *A cultura da complexidade e a complexidade da cultura<sup>1</sup>*



RAÚL D. MOTTA  
EMILIO ROGER CIURANA

A palavra “cultura” possui, como sabemos, múltiplas acepções. O que nos interessa é a acepção fundamental, que se refere a seu aspecto produtivo e produtor: a cultura como elemento *frutificador*. Nesse sentido, a cultura não é apenas a hermenêutica do entorno, mas pode ser também aquilo que permite interpretar esse entorno das maneiras menos redutoras e unidimensionais possíveis. A partir desse ponto de vista, a cultura não somente produz, mas também permite pensar aquilo que produz. A cultura deve, por sua vez, cultivar-se e contextualizar-se, pois a relação entre aquilo que sabemos e conhecemos, por um lado, e o mundo, por outro, é uma relação co-produtora. Se-

gundo Mogoroh Maruyama, todas as culturas contêm uma falha, padecem de disfuncionalidade, malfuncionalidade, subfuncionalidade e toxifuncionalidade (gera danos ao seu próprio funcionamento). Essas falhas só podem complementar-se umas às outras se as culturas se pensarem a si mesmas como totalidades abertas e interajam umas com as outras.

A complexidade da cultura não produz somente objetos, idéias, instituições, mitos, conhecimentos, mas modos de ação. Por trás das ações e posicionamentos no mundo operam um ou vários paradigmas que exigem que se pense atuar de um modo ou de outro. Há formas de pensar simplificadoras, que se traduzem em modos de ação unidimensionalizantes e redutores. Existem, também, modos de pensar totalizadores, como se a totalidade do

---

1. Tradução do original “La cultura de la complejidad y la complejidad de la cultura”, por Carlos Guzzo (e-mail: carlosguzzo@ig.com.br).

mundo fosse abarcável (totalizável, pensável). O pensamento complexo não é nenhuma dessas coisas.

O pensamento complexo, como problematidade de toda cultura, tem uma tarefa fundamental: colaborar na produção cultural de um novo tipo de ser humano. Um ser humano que não está intelectualmente cindido em duas metades incomunicáveis, como ocorria com o personagem Medardo de Tarralba, de *O visconde dividido*, grande metáfora do homem contemporâneo criada por Ítalo Calvino. Um ser humano dividido é aquele que não percebe nem a relação nem a dialógica; é aquele que, ao afirmar sua identidade, ignora que ela é produto de uma relação com seu entorno e os outros, cujo caráter é simultaneamente complementar, concorrente e antagônico e que, sem essa relação, ele não é nada. Por conseguinte, não percebe, por um lado, sua relação de contexto local com o contexto global e, por outro, percebe menos ainda sua profunda inseparabilidade. Um ser humano que crê que ciência e filosofia, assim como literatura e arte são organizações do saber absolutamente isoladas, como se o pensamento não tivesse nada a ver com a arte de pensar, religar e organizar conhecimentos.

Segundo Morin, a possibilidade da continuidade do devir da humanidade dependerá da possibilidade de gerar uma civilização planetária a partir de um modelo de interação multicultural baseado na complexidade da idéia da *unitas multiplex*. O caminho para favorecer o desenrolar dessa finalidade é complexificar as culturas e cultivar a

capacidade de perceber e compreender a complexidade. Sem o cultivo de uma cultura da complexidade não se poderá desenrolar a compreensão; sem a compreensão, não será possível desenvolver as culturas, nem seus indivíduos, nem a possibilidade de uma sociedade-mundo consciente dos riscos e desafios da era planetária, caracterizada entre outras coisas pela emergência de problemas globais e pela incerteza sobre o devir histórico e social.

Um indivíduo cultivado na complexidade compreende que o fundamental é a relação e o *religamento* (religare), que o fundamental é organizar, reunir, encaixar os diversos conhecimentos e as diversas informações para produzir sabedoria e recriar vínculos comunitários. Produzir sabedoria não é produzir verdades, tampouco inundar os cérebros de informações, mas organizar essas informações promovendo uma visão do mundo a mais multidimensional possível; ter visão da *multidimensionalidade* é ter consciência da relação e retroação com o contexto local e global.

Pensar de forma complexa implica reconhecer e saber que toda ação que se executa é uma ação ecologizada, uma ação que interage com outras que podem inverter o sentido original dessa mesma ação. O cultivo da complexidade produz, portanto, um sujeito estratégico, consciente de que os programas são inúteis para a aventura humana caracterizada, na maioria das vezes, pela incerteza e desorientação. A ecologia da ação é fundamental para a arte da *vincularidade* e para a política.

Pensar de forma complexa implica introduzir um princípio de incerteza fundamental, pois sempre se aposta numa determinada estratégia, embora toda estratégia sempre comporte riscos.

Pensar de forma complexa significa ter em mente que não há explicação sem compreensão, nem compreensão sem dimensão explicativa. Precisamos de lógica e coerência no entendimento, mas também de intrepidez e clareza no espírito. Para a compreensão, sobretudo, precisamos de piedade e capacidade de ironia. Piedade não é nem lástima e nem comiseração, mas fraternidade. A capacidade de ironia é auto-exame e descentramento, crítica e consciência de nossas limitações similares às do condenado, do diverso, do diferente e do outro. Mas é também o sorriso que não aprova nem condena, mas que simpatiza e participa com todo o humano.

Na cultura da complexidade, os seres humanos são indivíduos autônomos e conscientes de que sua autonomia nutre-se de múltiplas interdependências. São indivíduos que sabem que sua individualidade está relacionada com o *Nós* social, e que sabem também que a geração de novas realidades sociais depende do pensamento e da ação de cada um.

A cultura da complexidade implica uma ética e seu produto é a *solidariedade* entre os seres humanos. Como indica Edgar Morin, um modo de pensar capaz de religar e solidarizar conhecimentos separados é capaz de se prolongar numa ética do vínculo e da solidariedade entre os humanos. Um pen-

samento capaz de não se limitar ao local e ao particular, mas de conceber o conjunto e, desse modo, tornar-se apto para favorecer o sentido da responsabilidade e da cidadania. A reforma do pensamento, portanto, teria consequências existenciais, éticas e cívicas.

O pensamento complexo utiliza os princípios dialógico, recursivo, hologramático e poliscópico, o que não é somente uma ação com um grande conteúdo epistemológico, mas uma ética que permite viver na interdependência complexa e na *unitas multiplex*, graças ao reconhecimento da diversidade na unidade e a unidade na diversidade. Para Octavio Paz, a universalidade não é o monólogo da razão, mas o diálogo dos homens e das culturas. Universalidade implica pluralidade. A prática da universalidade é uma arte: a arte de navegar pelos mares da dialógica, da compreensão e da ironia.

Recebido em 17/3/2002  
Aprovado em 30/10/2002

**Raúl Domingo Motta**, filósofo, professor da Universidade Católica del Salvador, Argentina. Diretor do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo e da cátedra itinerante Edgar Morin para o pensamento complexo. Diretor da revista *Complejidad*, Buenos Aires.

**Emilio Roger Ciurana**, filósofo, professor da Universidade de Valladolid, Espanha. Diretor do conselho científico do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo e da cátedra itinerante Edgar Morin para o pensamento complexo. E-mail: eroger@ffyl.uva.es